Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Oportunidades sociais e facilidades econômicas: reflexões sobre mulheres, cooperativas e desenvolvimento regional[1]

Anelise Graciele Rambo[2]

Resumo

A desigualdade entre homens e mulheres é um tema debatido sob diversas dimensões, tanto na academia, quanto na sociedade em geral. Neste âmbito, o presente trabalho questiona a contribuição da ação cooperativa para a promoção de uma vida livre de privações e de satisfação para as mulheres. Para refletir sobre este aspecto, associadas de três cooperativas do Litoral Norte gaúcho foram entrevistadas. As análises utilizaram como suporte teórico a abordagem do desenvolvimento como liberdade de Amartya Sen, mais especificamente, as oportunidades sociais e facilidades econômicas. Verificou-se que essas mulheres obtiveram avanços nas suas oportunidades sociais e facilidades econômicas, além de significativa participação das mulheres na gestão das cooperativas. Porém, existem espaços a serem ocupados na busca pela redução de privações e ampliação da satisfação através da atividade produtiva das mulheres cooperadas.

Palavras-chave:(desigualdade entre homens e mulheres, cooperativismo, desenvolvimento, Amartya Sen, participação das mulheres.

[1] Artigo resultante da dissertação "MULHERES NO COOPERATIVISMO DO LITORAL NORTE GAÚCHO: REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO" de Daniela Fonseca da Silva, orientada pela autora deste trabalho.

[2] Docente do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento (PGDREDES) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Tramandaí, Brasil, anelise.rambo@ufrgs.br.

Social opportunities and economic facilities: reflections on women, cooperatives and regional development

Abstract

Inequality between men and women is a topic debated in several dimensions, both in academia and in society in general. In this context, this paper questions the contribution of cooperative action to the promotion of a life free from deprivation and satisfaction for women. To reflect on this aspect, members of three cooperatives on the northern coast of Rio Grande do Sul were interviewed. The analyses used Amartya Sen's development as freedom approach as theoretical support, more specifically, social opportunities and economic facilities. It was found that these women achieved advances in their social opportunities and economic facilities, in addition to significant participation of women in the management of the cooperatives. However, there are spaces to be occupied in the search for the reduction of deprivation and increase of satisfaction through the productive activity of women cooperative members.

Keywords: inequality between men and women, cooperativism, development, Amartya Sen, women's participation.

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo apresentar parte das reflexões e dos resultados da pesquisa que investigou a contribuição da ação cooperativa para a promoção de uma vida livre de privações e de satisfação para as mulheres. O grupo estudado foi composto de associadas de três cooperativas do Litoral Norte gaúcho, duas cooperativas do ramo agropecuário e uma do ramo de transporte. Baseou-se na

abordagem do desenvolvimento como liberdade de Amartya Sen, mais especificamente nas oportunidades sociais e facilidades econômicas.

A atuação econômica e social das mulheres promove transformações sociais significativas para a sociedade em geral. Para Amartya Sen (2010, p. 263), "nada atualmente é tão importante na economia política do desenvolvimento quanto um reconhecimento adequado da participação e da liderança política, econômica e social das mulheres". O cooperativismo, por sua vez, se orienta pela ação coletiva de pessoas que buscam alcançar objetivos comuns através da ajuda mútua em uma mesma ação econômica. A aliança entre essas perspectivas é um potencial promotor de desenvolvimento em seu sentido mais amplo.

Embora avanços tenham ocorrido, a desigualdade de direitos e acessos entre homens e mulheres persiste e as diferenças restringem oportunidades e possibilidades a inúmeras mulheres. Salvaro, Estevam e Felipe (2014, p. 404) afirmam que "oportunidades desiguais de trabalho e reconhecimento social encontram legitimidade em normas de gênero, as quais devem ser problematizadas e desconstruídas".

Por exemplo, no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), no terceiro trimestre de 2021, o rendimento das mulheres era 24,2% inferior ao dos homens (CEPES, 2022). No Rio Grande do Sul, essa desigualdade é maior ainda. Enquanto, no mesmo ano, a média de renda de todos os trabalhos dos homens era de R$ 3.267,00, a das mulheres era de R$2. 380,00, o que corresponde a uma diferença de 37% (Data Social, 2024).

Outro dado que demonstra a desigualdade de renda entre homens e mulheres no Rio Grande do Sul está demonstrado no gráfico a seguir:

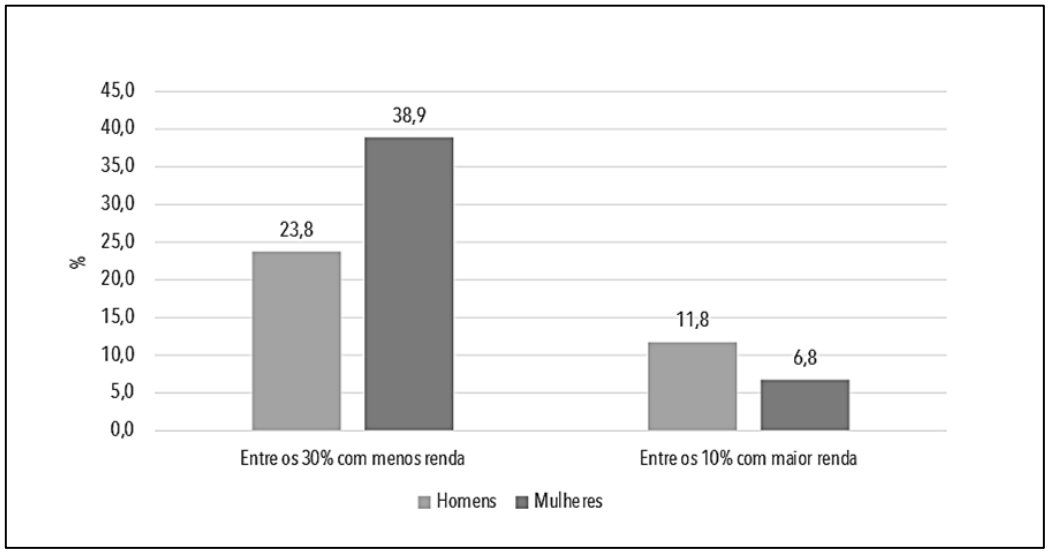

Gráfico 1. Distribuição de homens e mulheres entre os decis de renda do trabalho – Rio Grande do Sul (2021)

Fonte: Data Social, 2024.

A maioria das mulheres está situada entre os 30% de trabalhadores com menos renda, enquanto apenas 6,8% delas está presente entre os 10% com maior renda (Data Social, 2024).

Outro dado que elucida a desigualdade entre homens e mulheres diz respeito a população fora do mercado de trabalho. O gráfico a seguir demonstra que os homens representam 43,21% dos desocupados, enquanto as mulheres alcançam 69,66% no primeiro trimestre de2021.

Dentre todas as cores/raças são as mulheres as que estão em maior número entre aqueles fora do mercado de trabalho. As mulheres pretas e pardas representam quase metade dos desocupados no Brasil naquele período (45,05%), enquanto as brancas e amarelas somam 24,61%.

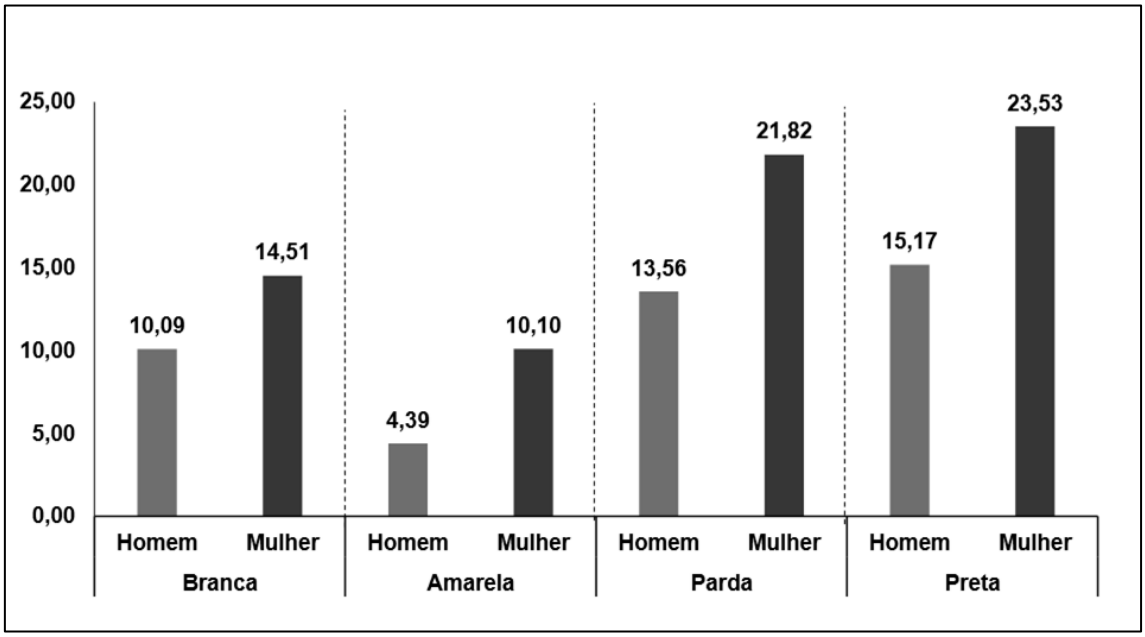

Gráfico 2. Taxa de desocupação de homens e mulheres segundo cor/raça (2021.1)
Fonte: CEPES, 2022.

Dados da PNADC de 2023, indicam que no Rio Grande do Sul, a maioria das pessoas fora do mercado de trabalho por motivos domésticos, era de mulheres (68,3%). Já dentre os homens este percentual era muito menor, apenas 13,1%. Outrossim, entre as mulheres brancas, 12,8% estão fora do mercado de trabalho por

motivos domésticos. Entre as mulheres negras, essa proporção é de 16,8% (Data Social, 2024).

Além disso, enquanto a proporção de mulheres fora do mercado de trabalho aumenta com a presença de filhos, em especial de filhos mais novos, o mesmo não ocorre com os homens, como evidencia o gráfico a seguir:

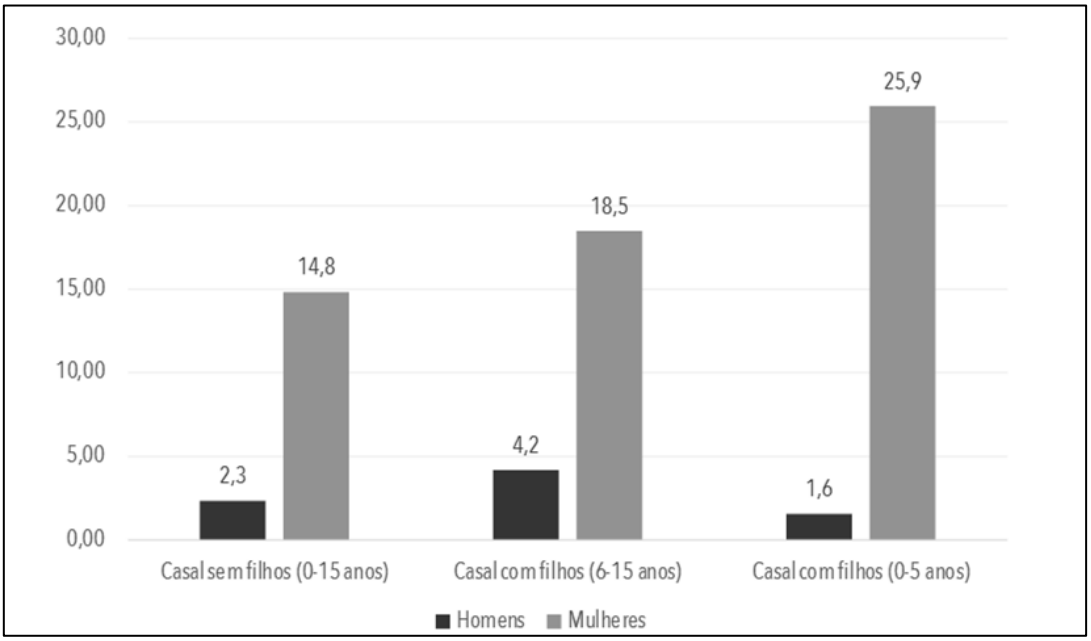

Gráfico 3. Homens e mulheres fora do mercado de trabalho, por tipo de família – RS (2023)

Fonte: Data Social, 2024.

Pelo gráfico é possível observar que enquanto 25,9% das mulheres fora do mercado de trabalho possuem filhos de 0 a 5 anos, o percentual de homens nessa mesma condição é de apenas 1,6%.

Essa disparidade social também se reflete nas cooperativas brasileiras em que o quadro social é formado majoritariamente por homens. Em 2023, as 4.367 cooperativas existentes possuíam 23,45 milhões de associados e, apenas 41% desse total era de mulheres (Organização das Cooperativas Brasileiras, 2024).

A peculiaridade do cenário das cooperativas do Litoral Norte gaúcho torna instigante o seu estudo e, portanto, importa conhecer que condições permitiram que essas mulheres se destaquem e ocupem esses espaços.

Metodologicamente, este estudo teve uma abordagem mista por considerar aspectos quantitativos e qualitativos, com predominância qualitativa. Quanto aos objetivos, a pesquisa foi exploratória, pois se realizou um levantamento bibliográfico, que orientou as discussões dos dados coletados. O questionário foi o método escolhido por possibilitar ser respondido no momento mais apropriado, sem a presença da entrevistadora pois a pesquisa ocorreu durante o período de isolamento social da pandemia de COVID-19. Inicialmente, os questionários foram inseridos em formulário online do Google Forms e o link foi disponibilizado acompanhado de mensagem informativa. Em consequência do baixo retorno, os questionários foram impressos e entregues em envelopes individuais. Posteriormente, foram recolhidos com as cooperadas. Foram distribuídos aproximadamente 100 questionários e retornaram 18.

O questionário era composto de dois blocos de questões. As questões de 01 a 34 buscavam identificar o perfil socioeconômico das associadas. Tratavam sobre educação, renda, bens, saúde, atividades domésticas, além de informações e atividades extras realizadas pelas cooperadas, e ainda, sobre os avanços promovidos

pela cooperativa ou os obstáculos em seu cotidiano. O segundo bloco de perguntas, de 35 a 46, refletem as percepções das cooperadas quanto ao seu bem-estar e a satisfação como associada e, mais especificamente, sobre as oportunidades sociais e as facilidades econômicas.

Os dados foram analisados com base na interrelação dos conceitos para com as temáticas com a finalidade de identificar a contribuição da ação cooperativa na construção de uma vida livre de privações e satisfatória para as mulheres cooperadas.

2. Mulheres, Cooperativismo e Desenvolvimento: uma inter-relação pertinente

Inúmeras são as barreiras que as mulheres enfrentam e que as colocam em posição desigual. As mulheres não usufruem de total oportunidade para desenvolver as suas capacidades. Não se trata apenas de desigualdade de renda, mas também de desigualdade de oportunidades. Saffioti (2013, p. 128) afirma que "seria ilusório, entretanto, imaginar que a mera emancipação econômica da mulher fosse suficiente para libertá-la de todos os preconceitos que a discriminam socialmente". As mulheres estão envoltas em "uma geringonça feita de ideias prontas inquestionáveis de certezas naturalizadas, [...] muita violência simbólica e física" (TIBURI, 2018, p. 40). Nessas condições, as mulheres são o grupo de indivíduos que mais vivenciam as diferenças sociais. Suas trajetórias são marcadas por diversos acontecimentos que as posicionam num patamar de dificuldades e restrições. Defendemos que a participação nas cooperativas pode proporcionar que elas desenvolvam as suas capacidades.

Bueno (2001, p. 34) reflete sobre os efeitos das cooperativas de mulheres. O autor pontua que "a distribuição dos resultados, materiais e imateriais, auxilia os que não são associados, no caso os homens e outros familiares, e se constitui em uma nova perspectiva de representação social". Desta forma, repercutem na comunidade externa, inclusive atendendo um dos princípios cooperativistas – compromisso pela comunidade. Deste modo, percebe-se o cooperativismo como uma alternativa de reduzir as diferenças, visto que as vivências não se reduzem a competição. Apesar de atuar num ambiente capitalista, o cooperativismo permite que mais pessoas tenham acesso aos mesmos rendimentos de forma justa pois privilegia a cooperação (FORGIARINI; ALVES; MENDINA, 2018).

A cooperação se caracteriza como uma economia social, que reconhece a potência dos indivíduos e se relaciona à participação e mobilização individual, seguidas de oportunidades sociais que contribuem para uma expansão dos direitos, algo "possível pela associação de pessoas que tenham a mesma identificação e muita confiança mútua para poder transformar sua capacidade individual fragmentada em força e ação conjunta" (BUENO, 2001, p. 13). E assim, se complementam pelas práticas cooperativas que, conforme Pinho (2001) sempre almejam diminuir os desequilíbrios econômicos regionais bem como melhorar a qualidade de vida da população.

3. A participação das mulheres em cooperativas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul

No Litoral Norte gaúcho, cinco cooperativas são vinculadas a Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (OCERGS), duas de transporte e três agropecuárias. Para compor a pesquisa, incluiu-se uma cooperativa não associada à OCERGS por ter uma mulher como presidenta. Assim, de seis cooperativas, três são dirigidas por mulheres. A cooperativa de transporte possui 85 associados. Das duas cooperativas agropecuárias, uma possui 273 associados, sendo 91 mulheres e, a outra conta com 66 sócios, dentre eles 19 mulheres. Das 18 respondentes, uma é do quadro da cooperativa de transporte e as demais das agropecuárias, sendo 12 associadas a uma cooperativa e cinco mulheres à outra.

Nos anos de 2020 e 2021, três das cooperadas ingressaram nas cooperativas, seis delas no período de 2015 a 2017, quatro estão na cooperativa desde sua fundação tendo ingressado em 2009, enquanto duas mulheres ingressaram em 2011. Não souberam precisar o início de sua participação, quatro das respondentes. As idades delas variam entre 19 e 56 anos e a maior concentração, 28% estão na faixa etária de 30 e 32 anos. Os grupos familiares variam entre dois e oito membros, sendo que 50% são compostos por duas ou três pessoas.

Para Fraser (2009, p. 30) "a responsabilidade tradicional das mulheres para o processo de criar e educar os filhos ajuda a moldar os mercados de trabalho que as desfavorecem, resultando em poder desigual no mercado econômico". Além disso, "os efeitos adversos de taxas de natalidade elevadas incluem a negação de liberdades substanciais" (SEN, 2010, p. 257). Soma-se a isso o cuidado com os idosos, sejam eles sogra(o)s, pais e mães. A responsabilidade e as preocupações que envolvem os cuidados com filhos e familiares geram uma carga excessiva para as mulheres e, conforme Anderson (1992, p. 17), impacta na sua ação profissional,

"afectan, actual o potencialmente a toda mujer en el ámbito laboral y de participación extra-doméstica y reorganizar equitativamente el trabajo de la casa".

Nas atividades domésticas, 73% nunca têm ajuda, 27% quase nunca tem participação dos filhos. Das respondentes, 53% informaram que às vezes o companheiro participa das atividades, 27% ele quase sempre participa, enquanto 13% quase nunca. Já 47%, responderam que exercem atividades que seu desejo não foi levado em consideração, identificando uma vivência que ela não desejou e/ou deseja. O tempo dedicado as atividades domésticas - considerando a organização, consome até 4 horas de 53% das mulheres, de 4 a 8 horas de 27%, de 8 a 10 para 13% e uma das mulheres mais de 12 horas. Para Sen (1987, p. 7, tradução nossa), "a falta de percepção do interesse pessoal combinada com uma grande preocupação com o bem-estar da família é, naturalmente, apenas o tipo de atitude que ajuda a sustentar as desigualdades tradicionais".

Identifica-se que as mulheres assumem grande parte das atividades domésticas e os cuidados com os filhos, o que interfere na participação delas em atividades extras e/ou complementares que fortalecem os vínculos sociais. Assim, sobre a participação em atividades esportivas, 40% das mulheres nunca participam, em atividades religiosas, 40% nunca participam ou participam menos de uma vez ao mês. Já em reuniões comunitárias, 33% nunca participa e 40% participam sempre que ocorre ou pelo menos uma vez ao mês. Nas atividades da cooperativa, 60% participam sempre que ocorre, mas 13% nunca frequenta.

Quanto às associadas que atuam na produção agrícola, além da excessiva carga de atividades domésticas e do cuidado com crianças e/ou adultos, sabe-se que

essas mulheres atuam na produção agropecuária no mesmo ritmo que os homens. E, ao retornar da lavoura, ainda lhes resta as atividades de cozinhar, lavar, maternar. Isso se não considerarmos o planejamento e a organização, trabalho que é invisibilizado nas atividades domésticas, mas que, exigem o tempo das mulheres, majoritariamente. Para Santos, Cardoso e Scott (2017), as condições apenas se modificaram para as mulheres, porém, não houve transformação substancial entre as práticas masculinas, o que contribui para as desigualdades de gênero.

Essa condição é reforçada já que mais de 60% das mulheres identificam que trabalham mais horas do que antes do ingresso na cooperativa. Quase a metade delas usa seu tempo livre para mais atividades produtivas (artesanato, pães e outros) e outras usam o mesmo tempo para cuidar de outras pessoas, além de trabalhar no intervalo de almoço. Se ocorresse a divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres, as respostas seriam bastante distintas. Assim como o cooperativismo defende a atuação econômica das mulheres, seja através da igualdade salarial nos mesmos cargos e/ou através da disponibilidade de linhas de crédito específicas para mulheres, cabe também incentivar ações sociais que questionem e transformem as estruturas mantenedoras de uma suposta supremacia masculina, de modo que as mulheres sejam reconhecidas e respeitadas sem distinção.

Considerações Finais

Apesar das dificuldades cotidianas, de um cenário cultural e social marcado pelo patriarcalismo, verificamos que o cooperativismo na região tem auxiliado a diminuir situações de dificuldades que as mulheres enfrentam. A partir do ingresso

na cooperativa, oportunidades sociais e facilidades econômicas estão mais acessíveis. As percepções das associadas possibilitaram analisar e verificar condições de bem-estar e satisfação das mulheres. As cooperadas ampliaram as suas liberdades instrumentais e essa dinâmica de ampliação de capacidades vem contribuindo com o desenvolvimento regional.

Uma das mais significativas contribuições é a formação continuada, organizada e promovida pela gestão da cooperativa. Essa iniciativa é fundamental nas dinâmicas que envolvem a ruptura com concepções patriarcais e segregadoras que ampliam e/ou mantem as desigualdades entre homens e mulheres. Inclusive, a cooperativa agropecuária que promove as formações em parceria com a EMATER, Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural, é a cooperativa com maior participação das mulheres em todas as suas dinâmicas e projetos.

A metodologia utilizada permitiu acessar informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Porém, percebeu-se ao longo da investigação que a realização de entrevistas com as associadas poderia proporcionar dados mais relevantes. Para aprofundar as reflexões, considera-se pertinente a continuidade da pesquisa de forma a ampliar a compreensão das realidades das mulheres no cenário cooperativista do Litoral Norte gaúcho.

O incentivo das organizações de fomento ao cooperativismo às atividades já praticadas, bem como o reconhecimento dos avanços já conquistados, deve ser uma prioridade. E, assim, atuar de forma a reduzir desigualdades, ampliar oportunidades e propagar dinâmicas econômicas e sociais mais igualitárias. As facilidades econômicas conquistadas são relevantes, mas, isoladamente, elas não modificam as

estruturas e as tradicionais perspectivas sociais e culturais. Essa liberdade precisa progredir em conjunto com as demais a fim de que se reduza as desigualdades entre homens e mulheres. E, diferentemente do que ainda precisa ser iniciado entre os órgãos de planejamento, as cooperativas já realizam ações com esse objetivo. Portanto, cabe o apoio de órgãos do cooperativismo para a ampliação das formações e o reconhecimento pelo que já tem sido executado nas e pelas cooperativas em relação a participação das mulheres.

Referencias Bibliográficas

ANDERSON, J. Intereses o justicia ¿Adónde vala discusión sobre la mujer y el desarollo? In: PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DEL PERÚ. *Materiales de enseñanza*: género y desarrollo. Lima: PUCP, 1992. p. 15-28.

BUENO, P. F. Z. *Gênero e Cooperativismo*: a participação das mulheres nas cooperativas de trabalho. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/88263#:~:text=http%3A//hdl.handle.net/10183/88263. Acesso em: 15 jun. 2020.

CEPES. *Gênero, Trabalho e Pandemia, no Brasil e em Uberlândia*. Uberlândia-MG: Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-sociais/Instituto de Economia e Relações Internacionais/Universidade Federal de Uberlândia, 2022. Disponível em: http://www.ieri.ufu.br/cepes/Publicacoes-especificas-sobre-o-Mercado-de-Trabalho. Acesso em: set 2024.

DATA SOCIAL. Laboratório de Desigualdades, Pobreza e Mercado de Trabalho. *Desigualdades*. PUCRS, 2024. Disponível em:< https://www.pucrs.br/datasocial/>. Acesso em: set 204.

FORGIARINI, D. I., ALVES, C. N., MENDINA, H. J. C. Aspectos teóricos do cooperativismo e suas implicações para a gestão de cooperativas. RGC: *Revista de Gestão e Organizações Cooperativas*, Santa Maria, edição especial 01, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/rgc/article/view/30509. Acesso em: 21 de jun. 2020.

FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. Mediações: *Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11- 33, jul.-dez. 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. *Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2023*. Brasília, DF: Sistema OCB, 2023. Disponível em: https://materiais.somoscooperativismo.coop.br/anuario-do-cooperativismo. Acesso em: set 2024.

PINHO, D. B. *Fundamentos doutrinários e teóricos*. São Paulo: USP, 2001.

SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes*: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SALVARO, G. I. J.; ESTEVAM, D. O.; FELIPE, D. F. Mulheres em cooperativas rurais virtuais: reflexões sobre gênero e subjetividade. *Psicologia*: Ciência e Profissão, Brasília, DF, v. 34, n. 2. p. 390-405, jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000200010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 28 dez. 2020.

SANTOS, D. A.; CARDOSO, M. G. C.; SCOTT, P. *Feminismo, diferenças e desigualdades nas políticas públicas e desenvolvimento*: algumas leituras fundamentais: algumas leituras fundamentais. Recife: Ed. UFPE, 2017.

SEN, A. *Gender and Cooperative Conflicts*. Helsinki: Wider Working Papers, 1987.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TIBURI, M. *Feminismo em comum*: para todas, todes e todos. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.